

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO – 15 ANOS

Porto Alegre, 22 de janeiro de 2016, 16h - Auditório Araújo Vianna
Convergência de educação: a educação popular e os direitos humanos

Organização: Fórum Social da Educação Popular (FSEPop); Fórum Mundial de Educação (FME); Fórum Mundial de Direitos Humanos (FMDH); Fórum Educação Popular (FREPOP).

Participantes:

FME: **Moacir Gadotti** (Instituto Paulo Freire – Brasil) e **Beatriu Cardona** (STEPV-i - País Valencià – Espanha)

FSEP: **Boaventura de Sousa Santos** (CES/UPMS – Portugal) e **Verônica Lima** (FREPOP – Brasil)

FMDH: **Nilma Lino Gomes** (Ministra das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos. – Brasil) e **Baltazar Garzón** (Experto Internacional en DDHH – Espanha).

Facilitação: **Salete Valesan**, FLACSO, (Brasil); **Albert Sansano**, Confederación STEs (Espanha); **Mauri Cruz**, ABONG (Brasil)

Mesa de Convergência da educação EDUCAÇÃO POPULAR E DIREITOS HUMANOS

Para que façamos realmente uma “mesa de convergência” precisamos retomar os principais pontos discutidos, no meu caso, nas atividades do FME.

Relembro, brevemente, alguns pontos da **sistematização das produções dos círculos de cultura**, embora seja difícil fazer uma **síntese das contribuições** das diversas atividades do FME.

Vimos nesses dias que o FME tem uma **história de lutas que é preciso resgatar** e conhecer melhor. Ela se encontra, sobretudo, nas **Cartas e Declarações** de cada Fórum realizado e sua **incidência política**.

Nesses 15 anos os fóruns se **capilarizaram** e **continuam muito vivos** e estão passando por **novos desafios** impostos por **novas conjunturas**. É um processo absolutamente natural, como todo

processo histórico.

Isso não significa que seu **modelo** se **esgotou**. O FME está passando pelos mesmos **desafios** do FSM e de **outros fóruns** (nada de novo nesse caso): o Fórum Mundial da **Água**, o Fórum Mundial da **Cultura**, o Fórum de **Autoridades Locais**, o Fórum Mundial de **Direitos Humanos** e outros fóruns. A situação é a mesma. **O destino do FME está ligado ao destino do FSM de onde ele se originou.**

O **FME** insere-se na **tradição da Educação Popular**. Aliás, podemos dizer que sem essa tradição de mais de meio século, na América Latina, certamente, **nem o FSM e nem o FME teriam nascido em Porto Alegre**. O Movimento da Educação Popular tem uma história de lutas na região que **preparou o advento do FSM**.

Há um **fato novo** que devemos levar em conta hoje: o surgimento dos **movimentos cidadãos** (como os da **Espanha**) que se expressam nas ruas em diversas partes do mundo nas ruas e espaços públicos.

Em **São Paulo**, por exemplo, **estudantes secundaristas** deram **lições de democracia** ocupando escolas públicas do Estado que queria impor uma reforma administrativa que iria fechar mais de uma centena de escolas.

Nem o FME e nem o FSM se constituem numa **central de movimentos sociais e organizações** não governamentais. O FSM é um **facilitador** desses movimentos e ongs mas tem tido muita dificuldade, inclusive para **fazer funcionar nosso espaço virtual** (site) que poderiam impulsionar as lutas dos movimentos e ongs.

Hoje, as transformações que perseguimos dependem muito menos de **grandes sínteses** ou elaborações teóricas de **grandes pensadores**, como no passado (a exemplo de **Marx**) e muito mais do **poder de articulação** (inclusive de **nanoações**) em rede que mobilizam milhões de pessoas criando **consensos sociais**. Investir mais na comunicação digital, na mídia livre, no **ativismo digital**. É o que tem dado certo. As **redes sociais** são um exemplo desse novo contexto que estamos vivendo.

Gostaria de agregar ainda **dois comentários** sobre o tema desta mesa de convergência: **Educação Popular e Direitos Humanos**.

1. A educação é um **processo universal**, mas são muitas as

concepções e práticas que a materializam. Por isso, é preciso **qualificá-la**, isto é, dizer **de que educação estamos falando**. Aqui nos referimos ao **paradigma da Educação Popular** que tem marcado a América Latina e que embasa inúmeras experiências e projetos inspirados em muitos **educadores revolucionários** como **José Martí, Simon Bolívar, Simon Rodriguez, Orlando Fals Borda e Paulo Freire** e tantos outros.

Trata-se de uma **rica e variada tradição** reconhecida pelo seu **caráter emancipatório, alternativo e participativo**. Portanto, o que define a Educação Popular **não é a idade dos educandos**, mas a **opção política**, a prática política entendida e assumida na prática educativa.

A Educação Popular é um processo que se constrói ao mesmo tempo **dentro e fora do Estado**. Por isso, a Educação Popular pode e deve **inspirar as políticas públicas de educação**.

Como **concepção geral** de educação, a **educação popular** não se restringe ao campo da **educação não-formal**. Como concepção de educação, a educação popular é uma das **mais belas contribuições da América Latina ao pensamento pedagógico universal** e, nas últimas décadas, ela está sendo entendida como uma concepção de educação que **deve ser estendida ao conjunto dos sistemas educacionais**.

Entretanto.... essa “**educação popular está sitiada**”, como escreveu **Licínio Lima** (da Universidade do Minho, de Portugal), num texto sobre **Educação ao Longo da Vida** que, para ele, tal como é entendida pela OCDE e pela Comunidade Europeia, **opõe-se à tradição humanista-crítica, emancipatória e transformadora da educação popular**.

Como entender esse cerco à Educação Popular?

A **educação, na ótica neoliberal**, realça apenas o chamado “conhecimento útil” e os **aspectos individualistas e competitivos**. A concepção da aprendizagem sustentada pelas políticas neoliberais centra-se na **responsabilidade individual**. A **solidariedade** é substituída pela **meritocracia**.

Por isso, temos que concordar com **Licínio Lima**: na **pedagogia neoliberal** o indivíduo é responsável pela sua própria aprendizagem, numa base **individual, competitiva**. O **cidadão** dá

lugar ao **cliente** e ao **consumidor**. A educação é dever do Estado e a responsabilidade por ela não deve recair exclusivamente sobre o indivíduo.

A Educação Popular opõe-se à **mercantilização da educação** e à crescente **perda de hegemonia do projeto educacional** por parte do Estado. **Empresas e fundações empresariais** tem imposto **políticas de educação instrucionistas** a governos que não tem projetos educacionais. **Sua referência é o mercado e não a cidadania**. Sistemas educacionais privados transformaram os **professores** das redes públicas em **máquinas de ensinar**, meros executores de **tarefas previamente apostiladas**.

A escola pública acaba incorporando a **lógica do mercado (rentabilidade, lucro, eficácia)** causando tensão nas relações sociais e humanas das escolas. A relação professor-aluno torna-se **tensa, agressiva**, quando reproduz **relações competitivas de mercado**. Ela adquiriu a forma do mercado, reproduzindo, na escola, as relações de produção dominantes na sociedade. A **educação** não pode subordinar-se às **exigências do mercado**.

Creio que a **América Latina e o Caribe** avançaram mais do que os países hegemônicos na concepção emancipatória da educação, consolidada na nossa tradição da **Educação Popular** como **educação para a justiça social**. Não precisamos buscar os modelos dos **países “do Norte”**, com seus discursos hegemônicos e neocolonizadores.

A **Educação Popular engloba o respeito e a defesa dos direitos humanos**, a **pedagogia crítica**, os movimentos sociais, a comunicação e a cultura popular, a educação de adultos, a educação não-formal e a educação formal em todos os níveis, a educação ambiental, enfim, a educação integral e inclusiva. Mas isso não é o que está acontecendo. **A Educação Popular leva em conta as diferentes expressões da vida humana**, sejam elas artísticas ou culturais, sejam elas ligadas ao desenvolvimento local e à economia solidária, à sustentabilidade socioambiental, à afirmação das identidades dos diferentes sujeitos e de seus coletivos, à inclusão digital e ao combate a qualquer tipo de preconceito.

A **Educação Popular tem hoje a cara dos movimentos sociais**, com suas **múltiplas subjetividades políticas**, lutando por **moradia**, pelo **acesso à terra**, direitos humanos, **ecologia**, **saúde**,

emprego, diversidade étnica, racial, de gênero, sexual etc. Eles estão dando um novo rosto à Educação Popular.

A Educação Popular como **modelo teórico reconceituado** pode oferecer **grandes alternativas para a educação formal e para as universidades.**

2. Hoje, **um dos campos mais atuantes**, tanto na educação formal quanto na educação não-formal, é o da **Educação Popular em direitos humanos.**

E aqui entra meu segundo e último ponto que gostaria de comentar: a **Educação Popular em Direitos Humanos**. O FME em sua **Plataforma Mundial** aprovada em Nairobi (2007) indicou como seu **método de trabalho** a articulação de sua agenda com a **agenda de lutas** do movimento social (Via Campesina, da Via Urbana, da Campanha Global pela Educação, do Movimento de Educação de Jovens e de Adultos, do Movimento de Mulheres, do Movimento Ambiental, do Software Livre, da Economia Solidária, Movimento pelos Direitos Humanos e outros.

Seu **pressuposto é que os direitos humanos são interdependentes** e o direito à educação não está separado de outros direitos. Os **direitos humanos** vistos na ótica da Educação Popular apontam para seu caráter de **interdependência**.

A **Educação Popular é, em essência, a Educação em Direitos Humanos e vice-versa** como sustenta a **Rede de Educação Cidadã** criada em 2003 no primeiro governo Lula.

A **criminalização** que a mídia comercial faz dos Direitos Humanos como **direitos de bandidos** precisa de um **contraponto numa Educação Popular em Direitos Humanos**, desde a mais terna idade.

Para finalizar...

Cidadãos do Povo da Terra, reunidos em Paris, dia 12 de dezembro de 2015, na **COP 21**, assinaram uma **Declaração** de compromissos **que trouxeram para este Fórum Social Mundial** no sentido de reafirmar os “**direitos de cidadania planetária**” contra o “**sistema oligárquico dominante**” no mundo, que domina inclusive as Nações Unidas, propondo:

- a) formas de organização e expressão do **poder cidadão**;
- b) uma **nova economia** baseada na igualdade e na solidariedade;
- c) meios de **comunicação cidadã**;
- d) um **novo contrato social** ecológico planetário.

Num outro mundo possível a **justiça precisa ser social e ambiental**, a sustentabilidade como sonho de bem viver, em equilíbrio dinâmico consigo mesmo, com os outros e com o meio ambiente e em harmonia entre os diferentes.

Creio que nesses **15 anos** tanto o FME quanto o FSM conseguiram avançar muito neste sentido, mas **resta muito ainda a fazer**.

Mesmo assim, diante desses desafios que se colocam hoje, a **história dos Fóruns é uma história de sucessos** da qual devemos nos orgulhar. O FSM está capilarizado em todos os continentes. O FSM tem sido um excelente **espaço não só de aprendizagem política** mas, sobretudo, de **incubação de iniciativas**. Nisso ele é um grande sucesso. Devemos **ter orgulho** do que já foi construído pelos Fórum Social Mundial e pelo Fórum Mundial de Educação nesse 15 anos de sua existência. Obrigado.